



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
DISCIPLINA PRÁTICA DE PESQUISA

OS PRIMORDIOS DO MOVIMENTO HIP HOP EM ARACAJU

SÃO CRISTOVÃO

2016

MARCOS VINICIUS SANTOS DA SILVA

OS PRIMORDIOS DO MOVIMENTO HIP HOP EM ARACAJU

Artigo apresentado à disciplina prática de pesquisa como requisito parcial à conclusão do curso de História Licenciatura do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe.

Orientador Professor orientador: Luiz Eduardo Pina Lima

SÃO CRISTOVÃO

2016

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	04
2. OBJETIVOS.....	08
3. CAMINHOS PARA COMPREENSÃO DO MOVIMENTO HIP HOP EM ARACAJU.....	08
4. HIP HOP EM ARACAJU AS VOZES QUE VÊM DA RUA.....	11
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21

OS PRIMÓRDIOS DO MOVIMENTO HIP HOP EM ARACAJU

Marcos Vinicius Santos da Silva
Curso História licenciatura

Orientador: Prof. Drº Luiz Eduardo Pina

RESUMO

O hip hop é um movimento cultural que normalmente surge nas periferias das grandes cidades, seu início se deu na cidade de Nova York no final da década de 60 e início da década de 70 e depois chegando ao Brasil no final da década de 70 por intermédio da Black music. O presente artigo buscou investigar como se deu os primórdios do movimento hip hop em Aracaju, quem foram os principais indivíduos envolvidos no movimento e quais os bairros aonde ele se desenvolveu em seus primórdios. A partir do levantamento dos dados desta pesquisa, foi constatado que em Sergipe na cidade de Aracaju, o hip hop chega através do breakdance um dos elementos essenciais dessa cultura aproximadamente entre os anos de 1988-89 mas, foi com a chegada do rap em na década de 90 que o hip hop Aracajuano passou a ganhar um tom de crítica social e racial. O trabalho consiste em um estudo de caso, com o auxílio de pesquisas que abordam a temática hip hop e também da análise dos depoimentos orais feito com os principais envolvidos com o hip hop em seus primórdios na cidade de Aracaju.

PALAVRAS-CHAVE: Hip hop. Movimento cultural. Periferia. Aracaju.

1. INTRODUÇÃO

O Hip Hop é um movimento cultural que atualmente engloba uma multiplicidade de significados e discussões acerca do espaço dos jovens moradores das periferias na sociedade em busca de espaço de lazer e de cidadania. O hip hop nos mostra uma construção cultural histórica que ganhou força e uma grande representatividade em diversas cidades espalhadas pelo mundo. O hip hop possui alguns traços e características que contribuem para que ele surja, ganhe força e adeptos, são elas: a falta de políticas públicas para as comunidades carentes e a inexistência de espaços de lazer (STOPPA, 2005).

O professor Stoppa (2005) faz referências em seu trabalho às saídas encontradas pelas comunidades periféricas, em busca de lazer e cidadania, segundo ele:

*Orientador. Professor do Departamento de História da UFS. E-mail: eduardopina@ufs.br

*Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe.

Em decorrência dessas situações e da dificuldade, cada vez maior, por parte do poder público, em discutir e encaminhar soluções aos problemas mais urgentes verifica-se, nesses locais, o aumento da movimentação das comunidades no sentido de buscar saídas para os problemas encontrados. Em muitas delas, a área cultural é o instrumento escolhido como caminho para minimizar a questão, gerando a formação de grupos de hip hop e de funk, grupos ligados à área esportiva, teatral, entre outras manifestações (STOPPA, 2005. p.38-39).

Em Aracaju o movimento hip hop existe e muitos são os jovens que participam em suas manifestações culturais, desde o grafite ao breakdance, porém muito pouco se conhece sobre os primórdios do movimento nesta cidade. Por esse motivo essa pesquisa investiga sobre as origens do hip hop em Aracaju, mediante a entrevistas e depoimentos com os representantes do movimento nesta cidade.

Atualmente a cultura hip hop, é composta por quatro elementos são eles, Grafite, DJ, MC e o breakdance, esses quatro elementos da cultura hip hop possuem a finalidade de dar voz, visibilidade e identidade aos jovens das periferias das grandes cidades. Os artistas do grafite costumam expressar suas artes com a intenção de chamar a atenção para problemas do governo ou questões sociais, representando a arte plástica da cultura hip hop os grafiteiros utilizam sprays e normalmente desenvolvem suas grafitagens em muros, pontes e viadutos das grandes cidades. O DJ e seus toca-discos estão relacionados com a musicalidade de batidas fortes e a instrumentalização da música no hip hop, o DJ é quem conduz a rima do MC e a dança do b-boy. O MC é o cantor de rap, aquele que através de suas rimas mostra os descontentamentos e reivindicam melhoras para suas comunidades, expressam suas ideias e denunciam as desigualdades sociais e falta de políticas públicas para os moradores das periferias. E, por fim, o breakdance que é a linguagem da dança de rua do movimento hip hop, onde existem os dançarinos que são chamados de b-boys e b-girls.

Para dar uma visão mais geral e abrangente sobre essa temática abordada, me utilizei de algumas pesquisas bibliográficas que me auxiliaram na compreensão do hip hop, sobre como surgiu e o que ele busca mostrar para a sociedade como autêntica manifestação cultural com suas causas e finalidades.

Uma obra muito importante e que me deu auxílio para conhecer um pouco mais o movimento no Brasil foi, “Hip Hop: A periferia grita”, publicada em 2001 como resultados de uma pesquisa feita por três estudantes de jornalismo, é uma obra muito relevante para conhecer um pouco mais a fundo sobre a origem do movimento hip hop no Brasil. Ao decorrer dessa investigação as autoras optaram pela pesquisa de campo e conviveram por algum período no meio dos jovens engajados no movimento. Elas deram um apanhado geral de como essa manifestação cultural se desenvolveu na década de 80 em São Paulo. Em sua

pesquisa elas utilizaram como recurso metodológico entrevistas e depoimentos de alguns dos próprios agentes envolvidos nesse processo. Para os entrevistados a sociedade tem uma imagem errônea ao associar o hip hop a um estilo musical, para eles vai muito além, envolve distintas representações artísticas de cunho contestatório, que são ligados à ideia de autovalorização dos moradores da periferia adeptos ao movimento que buscam agir sobre a realidade, para dar aos jovens de sua comunidade uma perspectiva de mundo (ROCHA, et al. 2001).

Outro trabalho importante é de autoria do professor Edmundo Antônio Stoppa (2005) doutor em Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. O trabalho de pesquisa dele na temática hip hop se chama “Tá ligado mano, o hip hop como lazer e busca da cidadania”, que foi sua tese de doutorado no ano de 2005, e que buscou compreender a participação dos membros do movimento engajados em causas sociais em prol da comunidade em que vivem. Trata ainda sobre o sentimento de pertencimento e de identidade coletiva que se desenvolve, associados às crenças e aos valores da comunidade. Segundo Stoppa (2005) esse sentimento de pertencimento e de identidade coletiva é o fator que une toda uma comunidade ligando os laços que unem suas causas. Assim ele compreende o hip hop como a busca pelo direito de cidadania, podendo ser utilizado como um instrumento de mudança uma ferramenta pela busca de igualdade e uma forma de conseguir mostrar que a periferia também desenvolve de sua própria forma um papel importante para a formação da cidadania (STOPPA, 2005).

Guilherme Scandiucci (2006) escreveu um importante artigo chamado “Cultura hip hop: um lugar psíquico para a juventude negro-descendente das periferias de São Paulo”, e que aborda questões que dizem respeito ao racismo e do lugar ocupado pelos negros descendentes habitantes das regiões periféricas mais esquecidas pelos governantes na cidade de São Paulo. Segundo Scandiucci, o movimento hip hop pode ser caracterizado como uma prática social que é constantemente promovida por jovens que defendem os ideais e princípios de suas comunidades, onde o rap acaba, por sua vez, como sendo a expressão que mais difunde este movimento, e que traz à tona diversas questões que são pouco discutidas pelas autoridades como por exemplo, o preconceito racial e social, a pobreza, a violência, e muitos outros fatos do cotidiano dessas comunidades, sendo uma manifestação contemporânea e fundamental para divulgar os descontentamentos de uma parte dos moradores das periferias do estado São Paulo. O rap como elemento constitutivo mais expressivo do hip hop surge como principal registro que denuncia as desigualdades sociais, o principal motivo de sua luta

é pelo fim da segregação racial que excluem esses indivíduos de alcançarem seus direitos, os rappers de São Paulo promoveram redefinições à luz do contexto social local.

Márcia Leão (2006) em seu artigo intitulado “O negro no mercado de trabalho pela cultura hip hop”, procurou compreender como os moradores pobres das periferias encontraram uma forma de reagir à opressão que sofreram no decorrer da história dos afrodescendentes tanto no caso dos EUA quanto do Brasil. Tratando sobre a origem do movimento hip hop nos EUA decorrente do processo de segregação racial, dá ênfase a morte de Malcolm X (1925-1965) e de Martin Luther king (1929-1968) dois dos principais líderes negros nos anos 60, que lutavam diretamente contra o racismo e a segregação nos Estados Unidos. Suas mortes geraram algumas manifestações agressivas por parte dos jovens das comunidades negras, é nesse contexto que Afrika Bambaataa (1957), percebendo a grande catástrofe que essas atitudes poderiam causar, iniciou um trabalho de conscientização entre os jovens das periferias. Foi Afrika Bambaataa que propôs que os grupos existentes na cidade de Nova York se unissem para organizar um grande movimento em nome do povo de origens afro-americanos. Afrika Bambaataa é tido como o grande fundador da organização intitulada Zulu Nation “Nação Zulu”, foi ele que reuniu pela primeira vez o que se conhece como os elementos do hip hop. São eles: grafite, MC e breakdance e mais tarde o DJ. A partir dessas ações aos poucos foi se formando o conceito de hip hop criando uma identidade e uma ideia de pertencimento e valorização por parte dos jovens do Bronx e de outros bairros de Nova York. Esta organização “Nação Zulu” tinha o objetivo de resgatar a autoestima dos jovens negros, para denunciar o racismo e manifestar os talentos dessas comunidades deixadas à margem da sociedade e excluídas das políticas públicas nos EUA. Inicialmente o movimento se espalhou na cidade de Nova York, porém aos poucos foi ganhando força e se espalhando pelo restante do país.

A professora Rose de Souza (2007) da Universidade Federal do Tocantins escreveu um artigo que se chamou “Cultura hip hop identidade e sociabilidade: estudo de caso do movimento em Palmas”. Formada em jornalismo a professora procurou fazer um estudo de caso do movimento hip hop na capital do Tocantins. Sua pesquisa foi feita com os jovens que tinham ligação direta com o movimento, e descobriu que seu início na cidade de Palmas foi no ano de 1996 nas regiões periféricas da capital. Nas entrevistas feitas pela pesquisadora ela descobriu que o rap foi de fundamental importância para que essa cultura fosse difundida na cidade de Palmas. No entanto, segundo o depoimento dos jovens, os meios de comunicação local construíram uma imagem negativa da real intenção do movimento para a sociedade,

marginalizando e propagando uma imagem de jovens delinquentes, tornando difícil a aceitação da sociedade como um todo (SOUZA, 2007).

A partir dessa breve contextualização, pôde ser percebido que o movimento hip hop é muito pouco conhecido e mal compreendido pela sociedade em geral, onde pessoas o associam a um estilo musical, tendo uma visão muito limitada do significado que ele representa para os jovens engajados e comprometidos em suas causas sociais.

Diante do exposto, a questão central dessa pesquisa será: conhecer como e quando se deu os primórdios do movimento hip hop em Aracaju.

2. OBJETIVOS

Para tanto, almejo alcançar os seguintes objetivos: como se deu os primórdios do movimento hip hop em Aracaju por meio de depoimentos orais. Entre os objetivos específicos está o de localizar na cidade de Aracaju quais foram os principais focos do movimento hip hop, ou seja, conhecer quais foram os locais e bairros da cidade de Aracaju aonde a cultura hip hop se iniciou.

O objetivo específico seguinte foi recolher oralmente o depoimento dos principais envolvidos nos primórdios do movimento hip hop, depoimentos esse que foram o fator essencial para conhecer um pouco mais sobre como se desenvolveu essa manifestação cultural, contribuíram ainda para conhecer a verdadeira natureza e as causas que possibilitaram a sua origem e desenvolvimento na cidade Aracaju.

Após todo o processo de coleta das informações as quais obtive por meio dos depoimentos orais, a etapa seguinte foi analisar os dados provenientes dos depoimentos recolhidos para fazer a seleção dos dados obtidos e em seguida selecionei as informações mais relevantes.

3. CAMINHOS PARA COMPREENSÃO DO MOVIMENTO HIP HOP EM ARACAJU.

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de depoimentos orais que permitiram fazer uma reconstituição do início do movimento, bem como as motivações dos principais pioneiros para que se inserirem e participassem ativamente dessa cultura. Trata-se de um estudo de caso com uma abordagem qualitativa que segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.31)

“[...] a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”. Onde debrucei sobre as questões dos primórdios do movimento hip hop em Aracaju.

Para ter acesso a essas informações foi necessário, primeiramente, descobrir onde se situavam na cidade de Aracaju os possíveis locais aonde se iniciou o movimento hip hop. Através de indicações de jovens que participam ativamente nos dias de hoje das manifestações do hip hop, pude localizar alguns indivíduos que fizeram parte da primeira geração do movimento no início dos anos 90, atualmente pelo menos dois deles não se encontram mais na ativa. Foi por através desses indivíduos que pude coletar as informações necessárias para reconstruir e conhecer um pouco mais sobre os primórdios do movimento hip hop nessa cidade.

Os sujeitos da pesquisa foram três homens: o primeiro depoente é um MC (mestre de cerimônia) cantor de rap que é envolvido nessa atividade desde o início dos anos noventa e que ainda hoje participa ativamente do hip hop, conhece bem a natureza do movimento e o seu desenvolvimento em Aracaju. O segundo depoente foi praticamente o primeiro b-boy de Aracaju, responsável por difundir esse elemento da cultura hip hop, ele é de fato um dos principais responsáveis pela difusão do breakdance em Aracaju. E, por fim, o terceiro depoente foi um dos primeiros DJs de Aracaju e um dos únicos a trabalhar com o hip hop, ainda nos dias de hoje existem muitos poucos DJs que trabalham com o hip hop e por alguns anos na década de 90. Ele foi o único que levou a sério o hip hop e participou de grupos da época. Após a localização desses depoentes, fiz entrevistas com cada um dos indivíduos que eram engajados no movimento e deram o seu depoimento e relataram a sua experiência com o hip hop, explicando como ele se desenvolveu em Aracaju, quais foram os primeiros bairros aonde ele ganhou força e adeptos, e qual foi o papel social que ele desempenhou dentro das comunidades onde ele foi propagado. A escolha desses indivíduos se deu mediante o envolvimento que cada um teve com as atividades expressas por essa cultura e também por mostrarem conhecimento das causas políticas e sociais do hip hop, eles possuem uma grande carga de conhecimento e informações acerca da temática e contribuíram muito para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Os dados da pesquisa foram coletados individualmente por meio de entrevistas orais, onde cada um dos depoentes relatou as suas experiências e vivências desde o início de seu envolvimento com o hip hop. Foram entrevistados separadamente em dias e locais diferentes, as entrevistas foram gravadas em um aparelho celular e transcritas nos dias seguintes. A etapa seguinte foi fazer a análise dos dados recolhidos e avaliar as informações relatadas pelos

depoentes, foi quando selecionei os trechos que contribuíram para que obtivesse as informações necessárias para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Optei em nomear os entrevistados da seguinte forma; depoente nº 1, depoente nº 2 e depoente nº3. Ao decorrer desse artigo os depoentes serão identificados pelos números 1,2 e 3 sendo o depoente nº 1, o MC(mestre de cerimônia) foi um dos principais pioneiros e vivenciou todo o processo de conscientização do movimento nessa cidade é uma referencia em Aracaju. O depoente nº 2 foi o B-boy o principal responsável por difundir o breakdance em Aracaju no final da década de 80, e o depoente nº3 será DJ. Infelizmente não consegui localizar nenhuma pessoa que representasse o grafite, elemento essencial e fundamental que equivale as artes plásticas no movimento hip hop. A idade que os três depoentes possuem nos dias de hoje está entre 40 e 45 anos.

A discussão acerca do hip hop nesse artigo foi pautada a partir do viés da história do tempo presente que atualmente vem conquistando grandes espaços nas pesquisas acadêmicas em história, esse tipo de abordagem permite que novos objetos de estudos sejam investigados e discutidos. A história do tempo presente surge como uma emergência no século XX decorrentes das duas grandes guerras, e os envolvidos nos conflitos queriam compreender o que estava acontecendo na época em que viviam, Carlos Fico (2012. p.47) fala um pouco a respeito “a reabilitação da História do Tempo Presente, em novos moldes, após as grandes guerras mundiais, introduziu o relato testemunhal como um dado essencial para a compreensão daqueles conflitos.”[...]. Existem alguns pontos importantes quando se estuda a história do tempo presente que devem ser tratados com cuidado entre eles pode ser citado a participação dos agentes envolvidos os quais estão inseridos no tempo que está sendo estudado, segundo François Dosse (2012) “A outra importante singularidade da História do tempo presente é a importância de testemunhas em sua construção, ainda mais se definirmos os limites dessa história como tendo que coincidir com a copresença de seus atores, isto é, com a duração da vida humana.” (DOSSE, 2012. p.15).

A partir do viés da história do tempo presente, utilizei-me da metodologia da história oral que se insere nesse contexto. A utilização da abordagem da metodologia da história oral deve-se ao fato dela se centrar na memória humana, possibilitando a apreensão de conhecimentos que contribuem para a reconstituição da uma memória coletiva. Rememorar o passado enquanto testemunha viva de fatos que ocorreram anteriormente, a partir do depoimento de alguns indivíduos, pode representar a reconstrução da consciência e do imaginário de determinado grupo. Entre alguns dos procedimentos da entrevista em história oral segundo Senna e Matos (2011. p. 97) estão:

Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos (SENNA, MATTOS, 2011. p.97).

Essa metodologia contribui para registrar fatos que eram desconhecidos ou pouco expressivos no meio das pesquisas acadêmicas, a temática do hip hop se encaixa perfeitamente nesse exemplo, visto que essa manifestação cultural no Brasil é composta por uma parcela ínfima da sociedade que normalmente residem nas periferias das grandes cidades. É importante que se preserve a memória de diferentes grupos da sociedade, conservando o seu passado e obtendo assim mais conhecimento sobre sua cultura e ideologias; expandindo o conhecimento de diferentes atividades culturais, abrindo horizontes para que outras pesquisas possam surgir, aumentando não somente a carga de conhecimento sobre o hip hop, mas também sobre outras atividades culturais.

4. HIP HOP EM ARACAJU AS VOZES QUE VÊM DA RUA

A partir de todo o levantamento feito através das informações transmitidas pelos depoentes, foi possível conhecer como foi os primórdios do movimento hip hop e conhecer os fatores que contribuíram para que ele se propagasse em Aracaju. No Brasil o ponto de partida do movimento hip hop foi em São Paulo na década de 80, e aos poucos foi se espalhando e ganhando adeptos em outras capitais do Brasil. Nesse contexto, encontra-se Aracaju, onde aproximadamente no ano de 1989, esse movimento começa a se formar, deixando bem claro que nesse período os indivíduos envolvidos com o movimento não tinham consciência das causas e dos ideais políticos do movimento hip hop. Mas aos poucos conforme o andamento desse artigo, irei esclarecendo as especificidades do hip hop em Aracaju.

Para alguns pesquisadores, o hip hop pode ser compreendido como a quarta fase do movimento negro brasileiro, não significa dizer que ele de fato representa a continuidade do movimento negro no Brasil, para o professor Petrônio Domingues (2007. p.119) o hip hop no século XXI compreende “Alguns elementos sinalizam que, no início do terceiro milênio, está se abrindo uma nova fase do movimento negro, com a entrada em cena do movimento hip-hop[...]”. Para ele, o hip hop “Trata-se de um movimento cultural inovador, o qual vem adquirindo uma crescente dimensão nacional; é um movimento popular, que fala a linguagem da periferia[...]” (DOMINGUES, 2007. p.119). Por se tratar de um movimento cultural

recente, o hip hop pode ser considerado inovador por se apropriar de um discurso contestatório de crítica social, com uma linguagem atraente e que chama atenção dos jovens de forma diferenciada. A pesquisadora Flávia Quirino (2008. p.4) compreende o hip hop como sendo “um movimento social motivado pelas desigualdades culturais, sociais e políticas, trazendo em sua essência a contestação social por meio de suas manifestações artísticas, que o Hip Hop vem transcendendo barreiras culturais e midiáticas.” O hip hop em Aracaju, como analisaremos a seguir, é compreendido pelos depoentes como uma ferramenta modificadora da realidade como será explicitado ao decorrer do trabalho.

Segundo o depoente nº 2, o primeiro contato que ele teve com o hip hop foi através do breakdance numa novela que passou na Rede Globo chamada “Partido alto”, que foi transmitida no ano de 1984, essa novela foi fator essencial que instigou a curiosidade dele para conhecer um pouco mais sobre aquela dança, segundo ele:

Existia uma novela que na abertura tinha um pessoal dançando break, tinha Nelson Trinfo um dos percussores do break no Brasil e mais outras pessoas que passavam dançando nessa novela não sei se foi em 1988-89 foi mais ou menos por ai, e a novela era “partido alto” e eles passavam dançando estilo robô aquelas danças robotizadas. (Depoente nº2)

O hip hop, ao contrário do que muitos pensam, não chegou ao Brasil por meio do rap, mas sim através do breakdance, o principal percussor desse movimento no Brasil foi o b.boy Nelson Triunfo (1954) que no início dos anos 80, já estava dançando com o seu grupo nas ruas do centro de São Paulo, somente com o intuito de se divertir e da busca de auto-estima, apesar de não terem, no início, o conhecimento dos ideais do movimento hip hop, mesmo sem essa conscientização Nelson Triunfo, e o pessoal de seu grupo, propagaram o breakdance pelas ruas do centro de São Paulo, tendo como principal ponto de encontro à estação São Bento do metrô (ROCHA, et al. 2001).

Os dançarinos de breakdance, do início dos anos 80 da cidade de São Paulo, foram perseguidos e marginalizados pelos policiais, muitos obstáculos eram imposto e a sociedade olhava com desprezo, mas com o passar do tempo, os obstáculos foram diminuindo devido ao fato da chegada no Brasil dos videocliques de Michael Jackson (1958-2009), músicas que fizeram muito sucesso como por exemplo Thriller (1982), Billie Jean (1982) e Beat It (1982), e filmes como Flashdance (1983) conquistaram o público e a partir de então, o breakdance passou a ser visto de forma diferente.

Foi nesse contexto que no ano de 1984, a novela “Partido alto” colocou em sua abertura os dançarinos de breakdance. Foi assim que por intermédio da TV, que possivelmente os jovens de Aracaju tiveram o contato pela primeira vez com aquela dança robótica. O depoente nº 2 fala ainda sobre o seu primeiro contato com o Breakdance:

Então eu nunca tinha visto o break na minha vida a partir do momento que eu bati os olhos e vi eu comecei a me interessar pesquisar sobre aquela dança, eu queria dançar daquele jeito foi aí quando meus parceiros que dançavam comigo o Cyborg e o Glaston também viram essa novela e se interessaram, e agente conversando um dia agente falou “vamos fazer isso vamos montar um grupo com essa dança com o break?” por que agente se interessou e na realidade primeiramente aqui em Aracaju eu vi o break através da novela[...] (Depoente nº2)

A TV desempenhou um papel informativo e trouxe ao conhecimento dos jovens da época um contato de algo que era desconhecido até então, eles se identificaram e alguns anos mais tarde decidiram montar um grupo e saber um pouco mais sobre o que era aquela dança que foi divulgada na novela “Partido alto” (1984) pela TV, o maior meio de comunicação de massa da época no Brasil. Constatou-se que entre o final dos anos 80 e início da década de 90, foi formado o primeiro grupo de breakdance de Aracaju chamado de “break bronka” e que mais tarde passou a ser chamado de “Bronka e CIA”.

O local onde o grupo surgiu foi no Bairro Getúlio Vargas, próximo ao centro da cidade. Em Aracaju o hip hop surge primeiramente nas proximidades do centro da cidade e depois se propaga pelos bairros da zona norte da cidade que são os bairros das comunidades mais periféricas.

Na década de 80 existiam alguns poucos DJs em Aracaju, segundo o depoente nº3 eram poucos os DJs e ele foi o único que por muito tempo trabalhou com o hip hop, os outros DJs trabalhavam nas grandes boates de Aracaju fazendo a música eletrônica, lambada e etc., os rits que foram moda na época. O depoente nº3, fala um pouco sobre quem foram os primeiros DJs da cidade e os respectivos locais onde eles atuavam:

[...] o primeiro DJ aqui que foi Celso inclusive ele era o DJ da boate Saveiros [...] tinha também o Rui que trabalhava na central bip que era um meio de comunicação que não existia celular na época. Nisso ficou Rui e Celso nas boates aqui de Aracaju tocando música eletrônica, lambada, tocando coisas dançantes para o pessoal curtir a noite [...] outro DJ da época também era o DJ Juraci ele que fazia a pista lá da boate Rainbow [...] pode-se dizer que eu fui o quarto DJ. Eu fazia boate, mas sempre estava com os meninos do hip hop e os outros não, só tocavam música eletrônica, não é nem que eles não quisessem se meter com o movimento hip hop, mas por que

o hip hop era marginalizado, até hoje e como não era bem visto pelas famílias tradicionais, vamos dizer assim, não era todo mundo que tinha coragem de se envolver com isso. (Depoente nº3)

Os DJs em Aracaju, em sua maioria, não aderiram ao movimento hip hop, pois na época em que surgiu não foi bem recepcionado pela sociedade Aracajuana e também ser DJs de hip hop não era uma atividade que dava retorno econômico, o próprio depoente era DJ que atuava nas boates da cidade como profissional, mas que ao mesmo tempo atuava no movimento hip hop. Ele também foi um membro do grupo “Bronka e CIA” onde permaneceu com grupo por alguns anos, atuou também nos grupos “Mensagem negra” e “Atitude verbal”. Durante a década de 90, ele pode ser considerado um dos únicos ou o único DJ que atuou no movimento hip hop que se têm conhecimento, segundo ele:

Na parte do movimento hip hop demorou muito para crescer aqui, aqui surgiu mais MCs do que DJs, os DJs que apareciam eram sempre para o lado da música eletrônica, porque DJ de hip hop aqui aparecia muito devagar, depois de muito tempo. Que trabalhava com o hip hop mesmo eu só cito “JB”, que inclusive é um DJ recente, e o “DJ Brasil” também, mas, é como eu falei foram DJs que demoraram muito tempo para aparecer na cena [...] (Depoente nº3)

Trabalhar como DJ na época não era fácil, a aparelhagem era cara. Alguns equipamentos eram de difícil acesso e os discos com a batida do hip hop quase não existiam em Aracaju, talvez por esse motivo fosse mais fácil se tornar um MC do que um DJ, que tinha que ter o toca-discos, mixer, o som e os vinis. Existiam alguns locais que se tornaram ponto de referência na época nos quais o grupo “Bronka e CIA” sempre se apresentava, os eventos e locais em que se apresentavam, segundo o depoente nº3 foram:

[...] eventos chamados na época de underground, aonde variava de bailes que focavam somente naquele tipo de som, ou então campeonatos de skate, tocamos em muitos lugares o centro de criatividade, tocamos bastante lá, tocamos no festival de artes de São Cristovão, quando não tinha o que fazer nós íamos para o centro da cidade ali no cruzamento das ruas São Cristovão e Laranjeiras, agente sempre dava um jeito de puxar uma extensão das lojas ali para fazer uma sessão e enquanto isso os meninos dançavam break ali no cruzamento, botavam um tapete liso para eles dançarem e assim agente mostrava o nosso trabalho. (Depoente nº3)

O Centro de Criatividade de Aracaju foi fundado em 1985 e fica localizado no bairro Getúlio Vargas, foi criado com o intuito de ser um espaço voltado para a arte e educação. O local tem um significado muito importante para o hip hop Aracajuano, foi um dos locais onde

o grupo “Bronka e CIA” mais se apresentaram nos anos 90. O centro de criatividade foi importante por difundir a cultura sergipana no geral, abrigou as mais diversas manifestações artísticas, sejam elas em artesanato, música ou dança, atualmente o centro de criatividade encontra-se abandonado e sem exercer atividades culturais. Dançavam também nos cruzamentos das ruas São Cristóvão e Laranjeiras no centro da cidade, em eventos de campeonatos de Skate, como o próprio depoente diz em seu relato, eventos “underground” não era necessário muita estrutura para que eles se apresentassem.

O depoente nº1 adentrou primeiramente ao movimento hip hop por intermédio do breakdance no início da década de 90, foi fortemente influenciado pelo grupo “Bronka e CIA”, que nessa época já estava desenvolvendo suas atividades através do breakdance e em 92 passaram também a cantar rap, esse grupo foi o grande pioneiro e influenciou os grupos que surgiram posterior a ele. O depoente nº1 fala um pouco sobre como foi que adentrou no movimento hip hop:

Depois que eu entrei no rap praticamente falando no início dos anos 90 e entrei no “Bronka e CIA” [...] Ele surge inclusive a partir de um grupo de break que é o “Break bronca” que se torna o “bronka e CIA” no início dos anos 90 e também ali em 93 quase 94 eu entro para o “bronka e CIA” e permaneço até 95, quando eu saio para montar o “mensagem negra”. (Depoente nº1)

Seu envolvimento com o breakdance foi rápido ele se engajou de fato no movimento hip hop através do rap, foi um dos principais MCs da cidade de Aracaju e no ano de 95 ele deixa o grupo “Bronka e CIA” e monta o seu próprio grupo o “Mensagem Negra”. Nesse período da década de 90 foram surgindo, aos poucos, diferentes grupos de rap em vários bairros da cidade de Aracaju e o depoente nº1, como um grande conhecedor do movimento no período, traçou um painel geral da localização dos principais grupos da época:

Majoritariamente em quase todos os anos 90 o hip hop esteve na zona norte [...] Até então agente não tinha a zona sul inclusa nesse processo, era a zona norte que tinha os principais grupos, o próprio “Mensagem negra”, “Radiografia mental”, o “Bronka e CIA” ficava em uma zona mais central tava ali no Getúlio Vargas, mas na zona norte tem o “Radiografia mental”, “Ação crítica”, o “Face oculta”, “Face negra”, tem “Mente armada”, “Revolução negra”, uma série de grupos, todos eles mais na zona norte entre os bairros do Porto Dantas, Bairro industrial, Japãozinho, Ponta da Asa, Santos Dumont, e o Bugio, embora ele já está mais para o lado da zona noroeste mas ainda está nesse cinturão periférico do lado norte e eram esses os lugares, as festas aconteciam nesses lugares, esporadicamente um campeonato de skate acontecia e chamavam um grupo para tocar e se apresentar, mas eram nesses locais. (Depoente nº1)

Embora o breakdance tenha sido a primeira manifestação do hip hop que se desenvolveu em Aracaju, no final dos anos 80 não existia uma conscientização dos ideais movimento, não tinham o entendimento claro da funcionalidade e finalidade dos elementos do hip hop. O break era dançado porque eles achavam legal e diferente.

Foi por intermédio do rap que o hip hop em Aracaju começou a ganhar um teor de contestação e de crítica social, os MCs começaram a compreender melhor o papel social do hip hop, mas segundo o depoente nº 1 ainda muito superficialmente.

A zona central foi o ponto de partida da cultural hip hop, especificamente no bairro Getúlio Vargas, que foi onde surgiu o primeiro grupo o “Bronka e CIA”, mas foram nos bairros da zona norte da cidade de Aracaju que o movimento hip hop se desenvolveu com mais intensidade surgindo diversos grupos de rap como citado pelo depoente nº1, esses bairros foram: Porto Dantas, Bairro Industrial, Japãozinho, Ponta da Asa, Santos Dumont e o Bugio respectivamente bairros mais periféricos.

O rap se desenvolveu em Aracaju aproximadamente entre os anos de 1993-94 foi a partir desse período que surgiram os grupos “Mensagem Negra”, “Radiografia Mental”, “Ação Crítica”, o “Face Oculta”, “Face Negra”, “Mente Armada” e “Revolução Negra” todos na zona norte da cidade. O surgimento desses grupos mostrava o início de uma organização e compreensão dos ideais do hip hop. Entre os elementos do hip hop, o rap foi quem mais contribuiu para que os jovens engajados se identificassem como moradores da periferia. O depoente nº 1, fala um pouco de Sergipe inserido no contexto do hip hop nacional:

[...] me vejo de fato como um MC, um mestre de cerimônia e um rapper de verdade para poder colocar na ordem do dia essa produção musical, esse discurso e colocar para além do discurso racial essa questão desse Sergipe, desse Aracaju dentro do cenário do rap nacional, onde nós vivíamos em uma época onde não tínhamos a internet, nem tínhamos acesso a produção que vinha de fora, e nem tinha como distribuir a nossa produção para outros lugares mas, ainda sim, funcionava como hoje como esse grande whatsapp, para fazer com que as ideias das periferias se conectassem. (Depoente nº1)

O rap no Brasil teve a cidade de São Paulo como principal ponto de partida, o que serviu de inspiração para a criação de grupos em outras cidades do Brasil. Foi em São Paulo que foi lançado o primeiro álbum exclusivo de rap nacional que se chamou “Hip Hop cultura de rua” lançado em 1988, nesse disco foram apresentados artistas que ficariam marcados na história do hip hop brasileiro são eles: Thaíde e DJ Hum, MC Jack e Código 13 entre outros.

Esse disco pode ser considerado um marco divisor de águas para a história do hip hop nacional, é a primeira coletânea de rap brasileiro que se tem conhecimento. Sergipe não estava isolado desse cenário do hip hop nacional, pelo fato de São Paulo ser o eixo central do movimento no Brasil, Sergipe foi grandemente influenciado pelos grupos de rap paulistanos (SILVA, 2014).

O vinil “Hip Hop cultura de rua” lançado em 1988, também chegou às mãos dos grupos Sergipanos e segundo o depoente nº2 esse disco foi uma importante influencia para que ele se envolvesse e começasse a cantar rap, segundo ele:

[...] particularmente depois que virei MC que eu comecei a curtir a ouvir rap, ouvir “Racionais” na realidade eu comecei a ouvir um rap mesmo através de um vinil que tinha chamado “hip hop cultura de rua”, que era o Thaíde, que foi um dos pioneiros de rap, tinha o “Código 13”, “MC Jack”, foi a partir desse vinil que eu comecei a gostar do rap. (Depoente nº2)

Ter acesso em Aracaju às produções do hip hop nacional na década de 90, segundo os depoentes, era muito difícil, era necessário ter contato com algum parente, amigo ou conhecido para conseguir o acesso aos discos.

O grupo “Racionais MCs” foi um dos maiores influenciadores do rap Aracajuano que estava se formando, as temáticas das músicas gravadas pelo grupo tornaram-se um modelo que passou a ser um exemplo da compreensão dos problemas sociais e da realidade das periferias espalhadas pelas grandes capitais do Brasil. Nesse contexto, os grupos Aracajuanos se apropriaram desse discurso e o rap passou a ganhar mais visibilidade no hip hop sergipanos dos anos 90. Para os indivíduos politicamente engajados no movimento hip hop: “os membros dos Racionais se firmariam como legítimos intérpretes dos problemas sociais que atingiam o conjunto dos jovens” que eram os residentes das comunidades carentes das grandes cidades (SILVA, 2014. p.15).

Assim como o rap da cidade de São Paulo tornou-se a manifestação mais expressiva do movimento hip hop na década de 90, a formação dos grupos de rap Aracajuano contribuiu para a formação de um movimento mais politizado. O rap tornou-se o elemento mais expressivo do hip hop, o depoente nº 1 relata como foi esse processo de conscientização do movimento hip hop e o papel que o rap desempenhou no contexto do hip hop Aracajuano:

[...] todo mundo tentando discutir um novo tempo para a juventude da periferia, e eu com tantos outros, estávamos ali escrevendo isso, ocupando lugares ociosos como as praças, as escolas, as esquinas das periferias, mais que isso, ocupando os ouvidos e as mentes da juventude que se aproximava pela estética do próprio hip hop ao nosso agrupamento, surgiram várias entidades, eu lembro da UCRASE, nós fundamos a

família ativista[...] de um certo modo tava todo mundo querendo se organizar ainda que de forma desorganizada, querendo fazer com que o hip hop de fato existisse[...] (Depoente nº1)

O hip hop é compreendido como uma ferramenta transformadora, segundo eles capaz de modificar uma vida. Pelo fato do hip hop ser mais difundido nos bairros carentes ele representou uma alternativa de fuga dos possíveis caminhos da criminalidade e da violência, que eram fatos comuns no cotidiano de suas comunidades. Nos anos 60, nos EUA, “Afrika Bambaata, em contato com outros jovens de Nova York percebe que os conflitos nos guetos estão fora de controle e propõem que os jovens envolvidos nestes embates passem a resolver suas disputas territoriais por meio de batalhas dançantes”. (RIBEIRO, 2006. pag.3) O objetivo da criação da Zulu Nation (Nação Zulu) é exatamente de desenvolver atividades culturais de forma que desenvolvesse e valorizasse o negro afrodescendente, que sofria com a falta de políticas públicas e com o forte preconceito da sociedade norte-americana, que a cada dia era mais excludente e segregacionista.

Em Aracaju o rap contribuiu para a conscientização do movimento e, a partir dele, o hip hop passou a ser compreendido como um mecanismo transformador da realidade. O depoente nº 2 compreende o hip hop como uma ferramenta que abre os horizontes sobre diferentes alternativas de caminhos e possibilidades, segundo ele:

Têm muitas pessoas que eu conheci na época que eu acho que se eles não tivessem conhecido o break eles estariam perdidos hoje em dia sabe, tipo o lugar que eles moravam, os bairros, quer dizer, eram meios não tão agradáveis para virar um marginal ou um bandido, ali era rápido. Então tinha que ter o acesso a cultura para poder distrair a mente, porque, ao invés de ir para uma esquina conversar sobre coisas ruins, fazer coisas ruins você ia para onde? Lá para um treino de break. Eu acho que muita gente conseguiu sair através do break, através da dança e da cultura hip hop. (Depoente nº2)

O depoente nº1 entende as manifestações do hip hop na década de 90 como a busca por cidadania e de um lugar melhor na sociedade. Para ele foi através do hip hop que ele e os seus contemporâneos puderam compreender melhor a exclusão do jovem negro e morador da periferia:

[...] o rap, ele que me coloca dentro dessa observância de sair da minha zona de conforto e procurar agir mais, o rap ele é uma música de revolução, de contestação, de confronto com a sua própria realidade, por consequência disso ele me colocou e revelou tantas coisas que até então tava em minha frente, mas eu tinha uma cortina invisível que não me deixava enxergar.[...] quando agente montou o projeto, eu tinha vários amigos que estavam diretamente ligados ao mundo da violência e foi o

trabalho que agente fez com o hip hop, que deu para esses jovens outra alternativa, “olha agente pode driblar a violência com poesia, com arte, com ousadia[...]”. (Depoente nº1)

Na década de 90, em Aracaju, o hip hop estava em processo de formação e busca de informação, foi a partir dos anos 2000 que, de fato, o hip hop sergipano passou a mostrar uma melhor organização e conscientização dos ideais do movimento segundo o depoente nº 1:

[...] o rap que estava sendo feito em São Paulo, que é a nossa inspiração musical majoritariamente falando, agente têm ali nos anos 2000 a visita de Edi Rock, KL Jay, Thaíde, Ferrez, DMN em fim, a nata do rap nacional. [...] a primeira grande safra de vinil que veio para Aracaju surgiu a partir dos anos 2000 quando KL Jay através de uma ligação de telefone atendeu minha ligação, inclusive nesse dia eu nem dormi de tão energizado que eu fiquei e ele falou “Não se preocupa não que eu vou mandar uns discos para você aí”, e chegou uns quarenta vinis, ele mandou de presente e aquilo ali foi um salto na evolução, agente já tinha como colocar no toca discos fazer colagem e ouvir e sentir o vinil de verdade, porque tudo que agente tinha gravado aqui era por Deck de rolo ou por fita demo, então era muito louco isso foi a partir dos anos 2000 que agente de fato deu um avanço. (Depoente nº1)

. O contato que o depoente nº1 teve com o KL Jay, um dos membros do grupo Racionais MCs, foi importante para expandir a parte musical do movimento em Aracaju, KL Jay enviou de São Paulo muitos discos de rap, e segundo o depoente foi importante, pois a grande maioria do material que eles tinham em Aracaju era gravado em fitas, não existia na cidade lojas que comercializasse músicas que tivessem ligação ao hip hop, a dificuldade para encontrar material com a temática hip hop era grande.

Aracaju recebeu pela primeira vez a visita do grupo Racionais MCs um dos grandes grupos de rap do cenário nacional, no ano de 1999, e mantiveram um contato maior com as produções que estavam sendo feitas em outras cidades e também compartilharam aquilo que era feito aqui em Aracaju, foi mais ou menos nesse período que a cidade passou a ter uma maior abertura para o movimento, existiram eventos como o “Rock-SE” em 1999, o “Projeto Verão” 2004 e o “projeto Trupe 4P” onde vieram grupos da cidade de São Paulo. Essas visitas e intercâmbios foram importante, pois agregou ao conhecimento dos membros engajados no movimento em Aracaju conhecimento e novas discussões sobre o hip hop que acontecia no cenário nacional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os depoimentos, pode ser percebido que o movimento hip hop em Aracaju teve seu início no final da década de 80 e início dos anos 90 por intermédio do breakdance. Em seus primórdios, o hip hop Aracajuano não teve um caráter de crítica social, ele não era compreendido como um mecanismo de crítica social e de contestação em busca de um melhor lugar na sociedade. O ponto de partida, onde o movimento surge e começa a ganhar força, foi na região central da cidade de Aracaju no bairro Getúlio Vargas, mas foi constatado também que, após os seus primórdios na região central, o hip hop Aracajuano, majoritariamente, se desenvolveu com mais intensidade nos bairros da zona norte de Aracaju nas comunidades mais periféricas da cidade.

A partir da análise dos três depoimentos obtidos, se constatou que o hip hop em seus primórdios na cidade de Aracaju não era compreendido pelos jovens envolvidos como uma manifestação social composta pelos diferentes elementos que juntos formavam o hip hop de forma coesa. No início do movimento segundo os depoimentos, o breakdance foi praticado somente porque eles achavam legal e diferente, isso se deve certamente a dificuldade de acesso à informação na época. A consciência da composição e estrutura dos elementos do hip hop passou a ser melhor compreendida na década de 90, com a chegada do rap. Pode-se dizer que o rap foi um fator essencial para que os indivíduos engajados compreendessem de forma mais clara, a dinâmica da relação dos elementos do hip hop e de sua funcionalidade.

Portanto, conhecer como era o hip hop em Aracaju em seus primórdios, e principalmente na segunda metade da década de 90, foi essencial para esta pesquisa, pois foi um período transitivo para o movimento, no qual, Aracaju se insere no cenário do hip hop nacional e do discurso de crítica social e racial. Foi no final dos anos 90 que houve alguns intercâmbios em Aracaju com importantes figuras do hip hop de São Paulo, segundo os depoentes, essas visitas foram essenciais para fortalecer e consolidar de vez o movimento em Aracaju.

Referencias bibliográficas:

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos.** *Tempo* [online]. 2007, vol.12, n.23, pp.100-122.

DOSSE, François. **História do tempo presente e historiografia.** Florianópolis, v. 4, n. 1 p. 05 – 22, jan/jun. 2012.

FICO, Carlos. **História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis - o caso brasileiro.** VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 28, nº 47, p.43-59, jan/jun 2012

GERHARDT, Tatiana Angel e SIVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LEÃO, Márcia. **O negro no mercado de trabalho pela cultura hip hop.** Xv Encontro Nacional de Estudos Populacionais. MG – Brasil, de 18 a 22 Setembros de 2006.

MATOS, Julia Silveira. SENNA, Adriana Kivanski. **História oral como fonte: problemas e métodos.** *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

QUIRINO, F, V, P. **Mediador cultural: o movimento hip hop e a formação para a cidadania.** IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBa, 28 a 30 de maio de 2008.

ROCHA, Janaína. DOMENECH, Mirella. CAETANO, Patrícia. **HIP HOP: A periferia grita.** 1ª ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2001.

SCANDIUCCI, Guilherme. **Cultura hip hop: um lugar psíquico para a juventude negro-descendente das periferias de São Paulo.** *Imaginário* [online]. 2006, vol.12, n.12, pp. 225-249. ISSN 1413-666X.

SILVA, J. C. G. **Sonoridades juvenis na metrópole: os diferentes caminhos do hip hop na cidade de São Paulo.** Ciências Sociais em Diálogo. 1ed São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2014, v, 2, p. 47-76

SOUZA, Rose. **Cultura Hip Hop Identidade e Sociabilidade: Estudo de Caso do Movimento em Palmas.** XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

STOPPA, Edmur Antonio. **”Tá ligado mano”: o hip hop como lazer e busca da cidadania.** Tese(doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2005

RIBEIRO, C. C. R. **A cidade para o movimento hip hop: Jovens afro-descendentes como sujeitos políticos.** Humanitas (PUCCAMP) v. 6, n. 1, p.57-71, 2006

DEPOIMENTOS:

Depoente nº 1. Entrevista feita no dia: 22/08/2016. Horário: entre 20-21hs.

Depoente nº 2. Entrevista feita no dia: 12/09/2016. Horário: entre 15-16hs

Depoente nº 3. Entrevista feita no dia: 19/09/2016. Horário: entre 11-12hs.